

Cuidar do Ser: sociabilidade feminina e hermenêutica em um conjunto habitacional da Zona Sul do Rio de Janeiro¹.

Comunicação apresentada por Soraya Silveira Simões (LeMetro/IFCS-UFRJ)

Fórum de Pesquisa n.10: Terapeutas, cuidadores e curadores populares: uma interface entre antropologia, cidadania e saúde popular (FP10)

Coordenador: Soraya Fleische (CFemea) e Carmen Susana Tornquist (UDESC)

Resumo:

O contexto é urbano, a cidade é o Rio de Janeiro, o bairro é o mais valorizado da capital – Leblon –, mas o endereço – o conjunto habitacional Cruzada São Sebastião – é maldito. Um bode expiatório da Zona Sul do Rio. Em seus apartamentos, mais precisamente em suas cozinhas, espaço por excelência da oralidade, ganha forma um tipo de sociabilidade a qual chamamos sociabilidade feminina. No meio das tardes, as mulheres se freqüentam. Umas vão para falar, outras as recebem para ouvir seus ‘casos’ e dar conselhos. Através das narrativas que ali encontram lugar, vemos que esta sociabilidade feminina faz circular elementos dos dramas cotidianos vividos por mulheres – mães, avós e tias – cujos problemas em muito se devem ao endereço que possuem. As que cumprem o papel da escuta são, deste modo, espécie de hermeneutas da convivência. E é preciso lembrar que a vida administrativa deste conjunto é regida, atualmente, exclusivamente por mulheres. São dez síndicas administrando os seus dez prédios. A Associação de Moradores é dirigida por uma chapa que se chama “Mulheres em Ação” e o posto médico que ali funciona foi criado e é mantido por uma senhora, ex-síndica. Todas possuem alguma fé e praticam alguma religião. A presença nas arenas públicas é amparada pelo conhecimento que, no entanto, adquirem nas sessões privêis realizadas no ambiente acolhedor de suas cozinhas. O trabalho propõe mostrar o papel dessas mulheres na definição e resolução de problemas surgidos nesse contexto urbano.

Palavras-chave:

1. Cruzada São Sebastião do Leblon
2. Sociabilidade feminina
3. Narrativas

1. Introdução

O jurista e filósofo alemão Wilhelm Schapp, em seu livro *Envolvido em Histórias* (*In Geschichten verstrickt*, 1953), diz que “não há outro tipo de encontro com o ser que não aquele que fornece histórias”. Por histórias, é importante lembrar, Schapp entende não a história do mundo, que sintetiza o desdobramento histórico de muitos e variados eventos, mas as histórias cotidianas, vividas e contadas por cada um de nós para ouvintes tão específicos quanto variados.

Uma história contada é testemunho de uma existência singular no mundo, e quem a conta o faz para um ouvinte qualificado do qual se espera saber entender as razões do narrador. Pois, como Schapp faz lembrar, as histórias *mobilizam* as pessoas. E, como lembram

¹ Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 a 04 de junho de 2008, em Porto Seguro, Bahia, Brasil.

também Mello e Vogel, autores que reconheceram a importância do legado sobre as narrativas deixado por Wilhelm Schapp, “uma história bem contada, isto é, que tenha capturado a atenção imaginativa dos seus ouvintes, faz de cada um deles candidato a recontá-la”². Neste processo de se contar e ouvir histórias, ganha forma um tipo específico de organização social da experiência³, da qual “decorre o postulado segundo o qual não há nem pode haver narrativa desinteressada”⁴:

O narrador procura, na ganga bruta de sua audiência, simpatizantes, cúmplices, consoladores, conselheiros, padrinhos e patronos, ou como quer que se caracterizem estes seus potenciais companheiros, pessoas dispostas, em maior ou menor grau, a compartilhar venturas e desventuras, ou, no espírito de Benjamin e Schapp, o pão das suas histórias⁵.

A narrativa, portanto, tem sempre um destinatário que ajudará o narrador, por sua vez, a dar certos contornos, certos *modos de dizer* uma história para que esta, “suscitando a empatia, torne comunicável a experiência complexa”⁶. Para que as histórias, entretanto, alcancem esse estado ótimo de comunicação, é preciso, ainda, que saibamos o lugar e o momento mais adequado para que elas sejam contadas de maneira apropriada para a boa compreensão da audiência.

As narradoras e as ouvintes das histórias que vamos agora conhecer são parte de um contexto urbano carioca onde estas ganham vida e sentido especial. Flexiono aqui o gênero – *as narradoras e as ouvintes* – pois estas histórias, do modo como são contadas e interpretadas, revelam alguns dramas constitutivos do universo feminino dessas habitantes da cidade que têm em comum papéis sociais – são mães biológicas e adotivas, esposas, ‘trabalhadoras’ etc. –, mas também o endereço – o conjunto habitacional Cruzada São Sebastião do Leblon⁷ – e as experiências que ali encontram lugar.

² MELLO, Marco Antonio da Silva & VOGEL, Arno. *Verdade e Narrativa: A Filosofia das Histórias e a Contribuição de Wilhelm Schapp para a Questão da Narrativa e Fundamentação de Direitos*. Comunicação apresentada no VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Universidade do porto, Portugal. 05 a 09 de setembro de 2000.

³ Idem. Os autores fazem menção à Aristóteles ao lembrarem que *mythos*, ou seja, a história é “a alma do drama”.

⁴ Idem.

⁵ Idem.

⁶ Idem.

⁷ Segundo dados do censo demográfico do IBGE, obtidos pelo Sistema Morei, do Instituto Pereira Passos, em 2000 a população do Leblon era de 46.670 habitantes distribuídos em 18.004 unidades residenciais, das quais 50% eram ocupadas por até duas pessoas e quase 60% de seus responsáveis ganhava mais de 15 salários mínimos. Além disso, cerca de 75% dos responsáveis possuíam curso superior e apenas 967 pessoas não eram alfabetizadas, sendo que 468 tinham entre cinco e nove anos. O apartamento, como já podemos supor, é a unidade residencial que predomina no bairro e em toda a Zona Sul da cidade. No Leblon são 17.447 unidades deste tipo, e, do total de domicílios, 12.320 são propriedade de seus residentes. A maior parte dos responsáveis por cada unidade domiciliar tem entre 40 e 69 anos, e o número daqueles com mais de 70 anos é superior aos que estão entre os 20 e 39 anos. Neste universo, os 2.957 moradores da Cruzada São Sebastião representam uma população de baixa renda e de baixa escolaridade, constituída majoritariamente por jovens e negros, exercendo serviços de baixa qualificação e apresentando índices de até 60% de desemprego. Esses dados são apresentados

Seus papéis, associados ao endereço que possuem, ganham uma densidade única, pois “a Cruzada”, ou Bairro São Sebastião do Leblon, foi construída nos anos 1950 pela Cruzada São Sebastião, associação católica criada por Dom Helder Câmara para, com o apoio do governo municipal e federal, urbanizar todas as favelas da então capital federal em um prazo de dez anos⁸. Ou seja, ao longo de todos esses anos, um dos problemas que continua assombrando os moradores da Cruzada, como muitos dos mesmos acentuam, é o ‘estigma da pobreza’ que se associa à imagem da ‘favela’. Os jornais de grande circulação, como O Globo e Jornal do Brasil, veiculam notícias que têm na Cruzada um único cenário: o de batidas policiais e ‘reduto de bandidos’⁹. Como se não bastasse, as dívidas de IPTU, também noticiadas nas manchetes dos jornais¹⁰, de tempos em tempos reacendem o fantasma da ‘remoção’ que, durante os anos 1960 e início dos anos 1970, impulsionou a maior diáspora compulsória de moradores da cidade, ‘removidos’ das favelas, sobretudo daquelas situadas na Zona Sul do Rio, para conjuntos habitacionais situados nas periferias da cidade.

Portanto, o nivelamento condicionado pela perspectiva da pobreza e, por conseguinte, da dívida torna indistinta a heterogeneidade existente entre os moradores da Cruzada e as relações estabelecidas entre esses e os demais moradores do bairro. Instala-se o sentimento de usurpação de suas características singulares e de todo o esforço investido cotidianamente na condução de suas vidas pessoais. O tema central – pobreza – restitui a ambigüidade da falsa homogeneidade, situando o complexo de relações entre vizinhos, condôminos, parentes e amigos naquele sistema mais amplo, representado pelo bairro do Leblon, ou ainda, pela Zona Sul do Rio de Janeiro.

2. Sociabilidade feminina

por RIBEIRO, que, em seu artigo, refere-se ainda a categoria “desocupação” sem oferecer, no entanto, maiores esclarecimentos sobre essa utilização. Já a amostragem feita pela CEHAB-RJ em 155 apartamentos (16% do total) indica que 39,56% dos moradores têm situação empregatícia com vínculos; 26,45% são aposentados e 11,61% intitulam-se donas-de-casa. As demais situações encontram-se dispersas. V. RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; CRUZ, Gisele dos Reis & MABERLA, Juliana Eleuze Carreira. *Proximidade territorial e distância social: reflexões sobre o efeito do lugar à partir de um enclave urbano – A Cruzada São Sebastião no Rio de Janeiro*. Artigo disponível em http://www.observatoriodasmegacidades.uff.br/download/texto_lcqr_cruzada.pdf, e MASCARENHAS, Ilza. *Escola Pública e Moradia: o cotidiano dos moradores da Cruzada São Sebastião do Leblon – um conjunto habitacional localizado em um bairro nobre do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado defendida no PPGACP/ICHF-UFF, Niterói, 2005. 115p.

⁸ V. tese de doutorado de SIMÕES, Soraya Silveira. *Cruzada São Sebastião do Leblon: uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado defendida no PPGA/ICHF-UFF, fevereiro 2008; e SLOB, 2002.

⁹ V. box publicado no jornal O Globo, na reportagem “Bando assalta PMs com granada em Copacabana”, 08/12/2004, página 17.

¹⁰ V. especialmente O Globo do domingo, dia 13 de fevereiro de 2007, cuja manchete, supostamente comemorativa dos 50 anos do conjunto Cruzada São Sebastião, noticiava “Uma ilha que destoa na Zona Sul: Cruzada São Sebastião faz 50 anos com um problema: a dívida do IPTU pode levar 676 imóveis a leilão”. Uma análise etnográfica do impacto dessas notícias está em SIMÕES, 2008, sobretudo na terceira parte da tese.

Sociabilidade, conforme a definição de Simmel, é a *forma lúdica da sociação*, que, por sua vez, é a “forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses”. A importância das interações que ganham a forma *sociativa* reside no fato de que elas conduzem o homem a viver com outros homens, agir por eles, com eles, contra eles, organizando, deste modo, de maneira recíproca, as condições necessárias *para que ele influencie os outros e seja por eles também influenciado*¹¹.

É importante, ainda, esclarecer que *lúdico*, na língua portuguesa, é algo “que se faz por gosto, sem outro objetivo que o próprio prazer de fazê-lo”. O antepositivo ‘lud(i)-’, possui como acepções possíveis a noção de ‘jogo’, ‘divertimento’, ‘recreação’, ‘recreio, folga’; mas também ‘joguete’, ‘insulto’, ‘zombaria’, ‘ultraje’. Supõe ‘divertir-se’, ‘gracejar’, ‘fazer festa’; ou, em outro sentido, ‘jogar com’, ‘fazer conluio’, ‘ludibriar’. Todas essas acepções são contempladas pelo inglês *to play*: ‘representar’, ‘brincar’, ‘jogar’.

‘Sociabilidade’, como figura em dicionários da língua portuguesa, é, por sua vez, uma ‘característica do que é sociável’, um ‘prazer de levar a vida em comum’, uma ‘inclinação a viver em companhia de outros’, uma ‘aptidão para viver em sociedade’, uma ‘socialidade’. O antepositivo ‘soci-’, presente em todos esses termos, significa ‘que acompanha’, possuindo também, como acepção, as idéias de ‘aliado’ e de ‘companheiro’.

O que importa para os nossos propósitos, entretanto, é ressaltar o caráter fundamental e estratégico dos vínculos, constantes ou efêmeros, do *estar juntos* para este conjunto mulheres que têm em comum alguns papéis sociais mas, sobretudo, o endereço, um conjunto habitacional situado em um dos bairros mais valorizados do Rio de Janeiro, e a condição de serem migrantes ou filhas de migrantes.

Portanto, chamo de *sociabilidade feminina* o tipo de sociação, de interação cotidiana, que tem lugar nos apartamentos – sobretudo nas cozinhas, ou seja, no domínio da casa, da domesticidade, do *foyer* proeminentemente regido pelas mulheres – e através da qual se transmite e se adquire uma série de *medidas* fundamentais para a exposição adequada de si no mundo exterior – a partir da perspectiva *das mulheres*. Ressalto, desde já, que o tópico que permeia e amalgama esta sociabilidade é, contudo, a *convivência*, e que, para fins estatísticos, 59,35% das famílias residentes nos dez prédios do conjunto são chefiadas pelas mulheres, enquanto 40,65% o são pelos homens¹².

¹¹ SIMMEL, Georg. *Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal*. In MORAES FILHO, Evaristo. *Georg Simmel – Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983 : 166-167. pp.165-181.

¹² Do mesmo modo, grande parte dos ‘barraqueiros’ (ou seja, das pessoas que vendem comida e bebida na rua do conjunto ou nos halls de entrada dos prédios) são mulheres e igualmente o número de olhos que se voltam das janelas para a rua e para os corredores também são femininos.

O acesso a esse tipo de sociabilidade que qualifico de feminina é, portanto, franqueado pela cozinha, esse lugar, por excelência, do *fazer*. Mas, “de um fazer repetitivo, banal”, como assinala Sefarty-Garzon¹³. São estas qualidades de um fazer constante, justamente, as que colocam a cozinha no mesmo patamar da oficina do alquimista. Ambos são da ordem da transformação. Do cru e do cozido, do estranho e do hóspede, do prescrito e do interdito, do sujo e do limpo, da pedra filosofal para se converter algo ordinário em objeto de grande valor. A cozinha, recinto de entrada cotidiana das casas ocidentais, opõe o estado de natureza ao estado de cultura. E se nela se elabora o alimento, elabora-se, também, nesse local marcado pela oralidade, as soluções para os problemas da vida e da alma. Na língua portuguesa, o próprio verbo comer advém da idéia de *comensalidade* (*com* + *edère*), que, por sua vez, implica no hábito de *freqüentar a casa de* e *comer junto com* aqueles que nela habitam.

Comer junto, conversar. “A cozinha é o lugar desse duplo prazer, lugar dessa oralidade que toma inúmeras formas e se exprime de maneira irreduzível através dos múltiplos e minúsculos imperativos do gosto pessoal, do estilo próprio de fazer a cozinha, de comer e de falar”¹⁴. O balé de gestos levanta odores e sabores e a melopéia convidativa se precipita diante do recém-chegado o envolvendo de modo sutil nessa *hospitalidade* tão significativa de uma casa, composta de dimensões sensíveis frequentemente eclipsadas pelo império da visão.

Como que desprovido de uma face visível, pública, o tipo de trabalho que se exerce na cozinha para a manutenção dos corpos da família “parece cair fora do campo de uma produtividade visível, valorizável”¹⁵.

Mas as mulheres para cujas casas se dirigem outras mulheres têm ou já tiveram a oportunidade de mostrarem, publicamente, suas qualidades morais. São síndicas, ‘barraqueiras’¹⁶, atuam em frentes coletivas, dirigindo a Associação de Moradores da Cruzada, o Conselho de Síndicos, o Clube das Mães, fundando a creche e outras associações políticas, esportivas ou sociais no conjunto; se ocupam com o próximo e com o bem comum¹⁷ e são chamadas pelos demais moradores de ‘fundadoras’, categoria local para a idéia de “velha guarda”. Aqui, porém, trata-se de uma categoria flexionada no gênero feminino. São mulheres, *mães*, sobretudo, que vieram removidas da favela da Praia do Pinto para os apartamentos da Cruzada São Sebastião – conjunto que, ao contrário do que ocorre com as

¹³ SEFARTY-GARZON, Perla. *Chez soi – Les territoires de l'intimité*. Paris :Armand Coulin, 2003 : 169. 255p.

¹⁴ Idem: 171.

¹⁵ GIARD, Luce. *Faire-la-cuisine*. In GIARD, Luce & MAYOL, Pierre. *L'Invention du quotidien – habiter, cuisiner*. Paris : Union Generale d'Éditions, 1980 : 156. pp. 149-234.

¹⁶ Donos de barracas que vendem comidas e bebidas, situadas nas áreas comuns dos prédios do conjunto ou na rua e calçada que atravessa o terreno.

¹⁷ No livro *Les Sens du Public*, M.LECRERC-OLIVE faz a distinção entre o “bem comum”, que seria uma propriedade partilhada por grupos determinados e exclusivos, e o “bem público”, que seriam bens inapropriáveis, inalienáveis e imprescritíveis. (v. CEFAI & PASQUIER, 2003: 31).

favelas, tem uma data precisa de *fundação* – e que, hoje, são uma espécie de relicário dessa experiência única e original que a Cruzada São Sebastião proporcionou aos favelados da ex-capital federal. São, enfim, mulheres que guardam uma memória coletiva e que estabeleceram localmente uma identidade pública da qual emana o seu poder e autoridade.

Soninha é ‘barraqueira’ e mora no primeiro bloco da Cruzada São Sebastião, onde ficam os apartamentos menores, conjugados. Ali, o único cômodo congrega inúmeras atividades femininas em um mesmo momento. Nesse gineceu vespertino, suas parentes, amigas e vizinhas se reúnem para a realização das tarefas. Se Soninha precisa aplicar o Henê nos cabelos, sua irmã, que mora no bloco três, é quem vem lhe aplicar o produto. Munida de luvas e pincel, forra o chão com jornal de modo a preservar o piso claro dos respingos negros. A amiga Daisy, moradora do bloco dois, nesse momento, lhe prepara a comida e, entre um tempo e outro de cocção, vai até o térreo levar ou trazer contas para pagar. A irmã sai para o trabalho e uma vizinha chega para substituí-la, trazendo consigo outro produto para finalizar o tratamento dos cabelos de Soninha.

Nesse intervalo, ela pega o celular e telefona para o filho. Quer saber se ele está com todos os seus documentos. Na ocasião, explica que sempre lhe faz a mesma pergunta, pois tem consciência de que na cidade em alerta, como anda o Rio de Janeiro, “a *cor* é um problema”. A discriminação que podem vir a sofrer encontra-se intrinsecamente associada ao contexto urbano específico em que vivem.

Em outra vez, quando não carecia de cuidados com a estética, as amigas presentes em sua casa apenas apreciavam a conversa e a cerveja gelada. Passamos a tarde na prosa, sem outro serviço que pudesse ausentar uma das convivas, ainda que por alguns instantes. As idades variavam entre 18 e 56 anos. Mas a tópica afirmada e reafirmada concernia ao universo feminino. Ou melhor, ao universo do cuidado feminino: era a família, filhos, maridos, namorados, afetos, convivências possíveis, impossíveis, problemáticas. Tudo sempre entremeado por palavras de estímulo, esperança, “as coisas hão de se resolver”.

Foto de Daisy, 24 de agosto de 2003.



Foto de Soraya Silveira Simões, 24 de agosto de 2003.



Soninha, de pé, acolhe as companheiras e a etnógrafa em mais uma tarde de conversas e tarefas em sua sala-atelier.

Na casa de Dona Maria, moradora e ex-síndica do bloco nove, soube que sua nora havia perdido a mãe. O desconsolo era ainda maior, pois a nora não morava mais na Cruzada. Há pouco tempo mudara-se com o marido, filho de Maria, para a Zona Oeste da cidade, lugar distante e que ainda hoje sofre com a restrição de horários dos transportes. “Quem é que vai cuidar dela? Não tem ninguém por perto nem para lhe fazer um mingau! Ela precisa de alguém que cuide dela nessa hora, ela não pode deixar de comer. Tem que comer!”. Sobretudo durante um momento de fragilidade, alimentar alguém é *persuadir* esse alguém. É “ter um olho no padre e outro na missa”, “um no sacristão, outro na sacristia”, como diz Dona Maria. Ou seja, é transportá-lo, por meio das palavras, a um momento futuro e luminoso, fazê-lo perceber que um momento é diferente do outro, tudo acaba, tudo se transforma, enfim, entretê-lo e seduzi-lo com a *esperança* enquanto se mantém os olhos atentos ao ato daquele

que precisa de cuidados. Há momentos como este, em especial, em que comer praticamente depende da conversa. Pressupõe, portanto, um que fale para um outro que escute.

Em seu apartamento no bloco seis, Neusa, uma senhora muito ativa, vendedora de cosméticos recebe a jovem desiludida. Descobriu recentemente uma amante do marido. A cada novo dia ela traz novidades sobre o sentimento perturbado que a move ultimamente. Conta o que fez, o que procurou, o quanto se expôs, o que ainda vai fazer “se...”. A cozinha da senhora vendedora de cosméticos transforma-se ora em uma espécie de confessorário – a moça lhe conta atitudes por ela mesma condenáveis – ora em consultório psicanalítico – em sua narrativa, ela tenta elaborar o que se passou e mobilizar a ouvinte na tentativa de juntas encontrarem solução. Nesse depósito de palavras expurgadas a proprietária, enfim, cumpre a função de acompanhar, através das narrativas, cada passo dado pela jovem martirizada pela dor da traição.

As mulheres mais jovens ou que têm a vida sexual ativa são as que alimentam esta sociabilidade com suas narrativas. Seus dramas são material de trabalho e serão interpretados durante o preparo da comida ou do café. A anfitriã, em torno da qual essas rodas se formam, é portadora da palavra central e mestre na arte do contraponto. As idosas da audiência, vizinhas e comadres vez por outra presentes, em geral, aquietadas pelo tempo de vida, ouvem e manifestam o que pensam a respeito esboçando-o pelo movimento da face. Sobrancelhas sobem e descem, os olhos arregalam, procuram outros olhos cúmplices, a boca se estica ou se comprime. Dependendo da narrativa do dia e da variedade etária das que acompanharão a história, uma cozinha se transforma em um manancial de sensibilidade histriônica. É o momento ideal para se adquirir conhecimento sobre a moral, a crítica, a ética, o clímax e outros parâmetros da gramática dos sentimentos, e também sobre as fisionomias que constituem modos de enunciação das inúmeras gradações entre o acordo e o desacordo a respeito do que se conta.

Viria dessa importante forma de socialização na vida moral o sentido profundo da voz passiva “ser nascido e criado”, expressão com que, comumente, moradores do conjunto se apresentam quando pretendem realçar certas qualidades morais?

A hospitalidade que encontramos nessa sociabilidade feminina equivale, em uma dada proporção, àquela caracterizada pelo trabalho dos terapeutas da Alexandria multicultural de Fílon. Contemporâneo de Cristo, esse judeu hermeneuta das Escrituras, junto com o seu grupo trabalhava pela saúde do corpo e da alma e, assim, pela salvação e cura do Ser. *Soteria*, palavra grega que exprime tanto saúde quanto salvação, se faz possível, segundo os terapeutas, através do dom da *escuta* e do domínio *palavra*. Ela, a palavra, é a chave para a interpretação da condição humana.

Fílon, enraizado na tradição judaica, mas inteiramente aberto à contribuição estética e filosófica dos gregos, entendia que “o homem está condenado a interpretar”¹⁸. E é nisso, exatamente, que reside a sua liberdade. Interpretar é o jogo levado à sério pelos hermeneutas; o exercício necessário para conduzir a vida da melhor – ou pior – maneira possível.

O terapeuta não cura. Ele *cuida*. É na figura do cozinheiro e do tecelão que, em *Górgias*, Platão qualifica o *therapeutes somatos*, aquele que “cuida do corpo”. *Therapeutes* possui, de fato, dois sentidos fundamentais: “servir, cuidar, render culto” e “tratar, sarar”¹⁹. O corpo é cuidado quando a alma, divindade que o habita, é bem cuidada, quer dizer, “cercada de um culto sincero” que a mantenha protegida das imagens e das palavras (*logoi*) que possam lhe fazer adoecer. O terapeuta é quem cuida da *ética*, isto é, quem zela pela direção do desejo a fim de ajustá-lo para um fim adequado ao ser que se encontra desorientado em suas paixões e apegado a uma idéia²⁰.

As mulheres em torno das quais se organiza a sociabilidade feminina na Cruzada São Sebastião cumprem um papel semelhante. São hermeneutas da convivência nesse justo sentido, ao escutarem os pequenos dramas cotidianos das que as visitam e colocarem em circulação, na oralidade praticada em suas cozinhas, suas *medidas* a propósito de cada tema. Como ensina Platão, a quem Filon apreciava, o terapeuta não cura – ele cuida. Saber ouvir é cuidar da palavra. E sobre isso é importante lembrar a observação feita por Ruth, senhora romena, que há alguns anos mora na Cruzada e é vizinha de Dona Maria: “Minha vida aqui dentro mudou muito quando *aprendi a ouvir* o que Maria me dizia”.

3. Migração e adaptação: duas tópicas incontornáveis para uma Etnopsiquiatria

Em um estudo publicado em 1996, Ferreira²¹ constatou que no Rio de Janeiro grande parte das internações psiquiátricas se davam com

“pacientes migrantes, que sofriam a perda de seus referenciais culturais e que passavam por um processo particularmente adverso e agressivo de aculturação, levando-os muitas vezes a descompensações psicóticas. Então, corriam o risco de se verem ‘psiquiatrizados’, já que sua situação existencial carecia de compreensão e eram desconsiderados seus valores culturais em choque com a cultura na qual estavam inseridos e que tendia a desqualifica-los e denegri-los,

¹⁸ LELOUP, 2004: 15.

¹⁹ Idem : 24.

²⁰ FILON, *Tratado da vida contemplativa*. In LELOUP, op.cit. : 36.

²¹ FERREIRA, A.P. *A migração e suas vicissitudes: análise de uma certa diversidade*. Tese de Doutorado, PUC-RJ, 1996, mimeo, *apud* PRADO.

fazendo com que a perda de referenciais identificatórios valorizados se acentuasse ainda mais”²².

Em 1979, na França, o Serviço de Psicopatologia do Hospital Avicenne de Bobigny passou a oferecer uma terapia nova, chamada, então, de Etnopsiquiatria²³. Seus pacientes eram, em sua grande maioria, originários do Magrebe, da África e das Antilhas, e sofriam as dificuldades de adaptação sem responderem positivamente ao tratamento terapêutico tradicional.

Esta nova abordagem terapêutica, segundo Prado, passou a ressaltar “o valor dos recursos terapêuticos das sociedades ditas tradicionais”²⁴, considerando, como um de seus enunciados teóricos fundamentais, que “a psicoterapia, em senso estrito, não existe”²⁵. Seguindo o mesmo pressuposto dos terapeutas contemporâneos de Fílon, habitantes da Alexandria multicultural da era cristã, o que existe são, pois, “autoterapias suscetíveis de serem deslanchadas por ‘indutores’ ou ‘operadores’”²⁶, o que, enfim, trouxe à luz a importância da *interação terapêutica* e, com ela, modificações técnicas consideráveis no modo de acolhimento dos pacientes.

O atendimento etnopsiquiátrico é feito em grupo “de diferentes origens culturais”, como sublinha Prado, mas todos profissionais: médicos, psiquiatras, psicólogos, antropólogos, assistentes sociais e/ou outros profissionais que por alguma razão estejam envolvidos com o caso”²⁷. No entanto, a autora assinala que deste grupo devem participar pessoas que partilham do mesmo grupo étnico do paciente ou que conheçam o seu contexto de vida cotidiana, ou seja, as grandes expectativas, as rupturas e os confrontos de valores próprios da experiência de migração e, por conseguinte, de *adaptação*²⁸.

Prado observou ainda, em sua experiência em etnopsiquiatria no contexto urbano carioca, que o atendimento funcionava até o momento de se propor uma prescrição. A partir daí os pacientes abandonavam a consulta, constatação que a levou a considerar que as prescrições não se mostravam convincentes, pois condensariam “no imediato de sua representatividade a ambigüidade do processo transferencial”²⁹. A narrativa do paciente e seu

²² PRADO, Maria do Carmo Cintra de Almeida. *Algumas considerações sobre experiências em etnopsiquiatria no Rio de Janeiro*. BARROS, José Flávio Pessoa de (org.). *Terapêuticas e Culturas*. Rio de Janeiro: UERJ, INTERCON, 1998. pp. 119-134: 125.

²³ George Devereux foi quem desenvolveu os fundamentos desta abordagem terapêutica. Sobre isto, ver NATHAN, Tobie. *Georges Devereux e a Etnopsiquiatria Clínica*. In idem. pp. 183-196.

²⁴ PRADO, Maria do Carmo Cintra de Almeida. *Algumas considerações sobre experiências em Etnopsiquiatria Clínica no Rio de Janeiro*. : 121.

²⁵ Idem: 122.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Idem: 123.

²⁸ Idem: 126.

²⁹ Idem: 127.

modo de interagir com o terapeuta seriam, por assim dizer, *interrompidos* por uma prescrição. Esta antecipação, partindo do terapeuta, jogaria por terra a eficácia terapêutica, que é, fundamentalmente, a “capacidade de contatar e de dar sentido às vivências, psíquicas e culturais, deslanchando a possibilidade de *elaboração*”³⁰ do vivido pelo próprio paciente, através de suas narrativas.

Quando Dona Maria veio para o Rio de Janeiro, com apenas 14 anos, em 1952, os sintomas que sentiu tão logo veio morar na favela da Praia do Pinto foram diagnosticados pelo médico, que a atendeu naquele então, como depressão. Até hoje, quando discorre sobre sua chegada ao Rio de Janeiro, vindo de Guaraciaba, interior do Ceará, Dona Maria contrapõe a lama que encontrou na favela da Praia do Pinto com o terreirão bem varrido e arejado, à sombra de árvores frutíferas de sua casa cearense.

A romena Ruth, por sua vez, não partilha de um passado vivido na favela da Praia do Pinto, lugar de onde vieram os moradores dos prédios da Cruzada São Sebastião do Leblon³¹. Mas, como muitos de seus vizinhos, encontrou em um núcleo residencial dito ‘de baixa-renda’ a possibilidade de morar na cidade, sobretudo em um bairro bem equipado e, portanto, valorizado, após empreender uma viagem migratória igualmente provida de muitas vicissitudes e adversidades. Ruth hoje está com 61 anos e chama algumas senhoras da Cruzada pelo carinhoso apelido de ‘mãezinha’. Estas senhoras, segundo conta, a ajudaram a adaptar-se no conjunto, “inclusive dando conselhos”. Antes de ir morar na Cruzada Ruth morou em um conjunto residencial vizinho – o ‘Conjunto dos Jornalistas’ –, mas, embora contemporâneo daquele construído pela Igreja, o Jornalistas, como hoje é chamado, fora erguido com os fundos de um dos Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAPs) que beneficiavam categorias profissionais, Institutos esses criados por Getúlio Vargas. A mudança do Jornalistas para a Cruzada transformou a sua vida de maneira incomensurável. Muitas de suas clientes – Ruth é esteticista e cabeleireira – recusaram-se a entrar em seu novo local de moradia. A mulher estrangeira se viu ainda mais só, sem os filhos, sem o marido e, por fim, sem as clientes. Por isso o termo ‘mãezinha’. Com essas protetoras aprendeu “a observar mais do que se expor em conversas”.

4. Considerações finais

³⁰ Idem: 129.

³¹ Houve também a transferência para os apartamentos da Cruzada de moradores da favela Ilha das Dragas, situada em pleno espelho d’água da Lagoa Rodrigo de Freitas, e cuja ligação com a margem, situada na favela da Praia do Pinto, se fazia por uma canoa.

“Essa vai ser difícil consertar”. Com esta frase Dona Maria surpreendeu a etnógrafa, que já vinha elaborando sua comunicação para o Fórum de Pesquisa 10³², da 26ª RBA, durante uma conversa, certa tarde em sua cozinha, a respeito da moça, proveniente de Goiânia, há meses acolhida em sua casa. A moça trabalhava como empregada doméstica em um dos prédios do entorno e, por indicação de outras mulheres, voltou a procurar Dona Maria lhe pedindo acolhimento. Estava com sérios problemas relacionados a bebida, e há pouco havia sido dispensada do serviço pela namorada do seu patrão.

Em primeiro lugar, ressalto o *acolhimento* de mulheres, feito por essas mulheres em torno das quais - e em cujas cozinhas - esse tipo de sociabilidade se constitui, como um procedimento bastante difundido entre as populações urbanas de baixa renda³³. E isto por diversas razões que são comumente atribuídas (e reduzidas) à uma mera necessidade de ajuda mútua na prestação de serviços domésticos. A pesquisa empírica, no entanto, nos mostra que este tipo de acolhimento feminino, que, no nosso trabalho, se dá sobretudo nas cozinhas deste conjunto habitacional, possui a dimensão de uma *propedêutica*. Assim, este tipo de acolhimento, seja por momentos breves de conversa, seja por uma frequência de coabitação no mesmo espaço doméstico por dias ou até mesmo meses, consiste em uma sociabilidade que é, ela mesma, uma técnica, um método, um modo de proceder que define, através desse contar e ouvir histórias privadas em ambiente privado, quais são os problemas, os papéis e os comportamentos observados pelas mulheres e, com eles, os sintomas que podem anunciar os desdobramentos positivos ou negativos de cada caso narrado.

Em segundo lugar, chamo a atenção para o significado mesmo da palavra *acolher*, aludindo à ‘refúgio’, ‘proteção’ e ‘conforto’ físico e moral³⁴. Além disso, seu antepositivo, cuja origem está no verbo latino *lego*, possui como derivados *colligo*, de onde provém o verbo *acolher*, mas também o verbo *escolher* e o substantivo *cole(c)tivo*; e *diligo*, que significa ‘amar com escolha’, ‘considerar’, ‘honrar’, ‘gostar’; enfim, *dileção*, *diligência*. Todas essas noções sustentam uma identificação entre estas pessoas que exercem funções semelhantes no âmbito da vida doméstica, mas também no espaço social e moral da vida comunitária que partilham enquanto habitantes do mesmo conjunto habitacional, ou seja, da mesma *vizinhança*.

³² “Terapeutas, cuidadores e curadores populares: Uma interface entre Antropologia, cidadania e saúde popular”.

³³ O importante estudo *Aspectos Humanos da Favela Carioca*, realizado pela equipe de SAGMACS e publicado no jornal O Estado de S. Paulo, em 10 e 13 de abril de 1960, foi o primeiro estudo a considerar esse tipo de filiação doméstica nas favelas cariocas como um fenômeno sociológico. Antes dele, somente as fichas preenchidas pelas assistentes sociais ligadas às instituições católicas, como a Fundação Leão XIII, prestadoras de serviços aos moradores de favelas, sobretudo a partir dos anos 1940 até final dos anos 1950, apresentam dados detalhados a respeito desse tipo de acolhimento, porém tratando-os pelo viés de uma ‘desorganização social’. Cf. a respeito, sobretudo SIMÕES, 2008 e SLOB, 2002.

³⁴ V. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

Outro fator relevante é que todas essas mulheres que conhecemos, e que acolhem outras mulheres em suas casas são devotas de alguma fé e freqüentam igrejas – majoritariamente a católica, responsável pela construção dos prédios e parte integrante do projeto original do conjunto. O viés através do qual se interpretam as narrativas veiculadas nas cozinhas, com isto, não é isento da lógica regida pelos credos. Daí a idéia de ‘cura’, ou de *restabelecimento* ou *restauração* de um fluxo de vida interrompido ou impedido pelos problemas identificados ou redefinidos pela prática narrativa em curso nesses encontros privados.

Ao recorrerem às casas dessas mulheres, cuja capacidade interpretativa se legitima de várias maneiras, especialmente pelos papéis que têm a oportunidade de desempenhar publicamente no âmbito da comunidade, as que a elas recorrem afligidas por problemas de dinheiro, instabilidade na família, mas sobretudo com o medo do ‘desvio’ dos filhos, acreditam na eficácia terapêutica da conversa, mas de um tipo de conversa cujo interlocutor é pessoa em quem se *confia*. Se, como dissemos, a fé é elemento presente, sugerimos que nos casos que pudemos observar ela é um dos fatores determinantes mais proeminentes, para essas hermeneutas da convivência, na prescrição de medidas a serem tomadas.

O tratamento dos anseios femininos, definidos em um contexto social e urbano preciso, através de uma sociabilidade levada a termo em âmbito privado e doméstico é, em última análise, um modo de administrar problemas coletivos, até mesmo públicos, de uma perspectiva particularíssima preservada nos exíguos quatro ou cinco metros quadrados das cozinhas dos apartamentos de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Bibliografia:

BARROS, José Flávio Pessoa de (org.). *Terapêuticas e Culturas*. Rio de Janeiro: UERJ, INTERCON, 1998.

BOURGINE, Benoit de. *L'herméneutique théologique de Karl Barth: exegese et dogmatique*. 2003, Peeters Publishers, 548p.

GIARD, Luce. *Faire-la-cuisine*. In GIARD, Luce & MAYOL, Pierre. *L'Invention du quotidien – habiter, cuisiner*. Paris : Union Generale d'Éditions, 1980. pp. 149-234.

LELOUP, Jean-Yves. *Cuidar do Ser: Fílon e os Terapeutas de Alexandria*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, 9ª edição.

MASCARENHAS, Ilza. *Escola Pública e Moradia: o cotidiano dos moradores da Cruzada São Sebastião do Leblon – um conjunto habitacional localizado em um bairro nobre do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado defendida no PPGACP/ICHF-UFF. Niterói, 2005. 115p.

MELLO, Marco Antonio da Silva & VOGEL, Arno. *Verdade e Narrativa: A Filosofia das Histórias e a Contribuição de Wilhelm Schapp para a Questão da Narrativa e Fundamentação de Direitos*. Comunicação apresentada no VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Universidade do porto, Portugal. Setembro de 2000.

_____. *Um Tangolomango para Aristóteles. Ou, vida e morte no limiar da Lagoa*. Rio de Janeiro: Revista Comum, Botafogo: Faculdades Integradas Hélio Alonso, v. 9, n. 22, p. 156-172, Papel. jan./jun. 2004.

NATHAN, Tobie. *Georges Devereux e a Etnopsiquiatria Clínica*. In BARROS, José Flávio Pessoa de (org.). *Terapêuticas e Culturas*. Rio de Janeiro: UERJ, INTERCON, 1998. pp. 183-196.

PRADO, Maria do Carmo Cintra de Almeida. *Algumas considerações sobre experiências em etnopsiquiatria no Rio de Janeiro*. BARROS, José Flávio Pessoa de (org.). *Terapêuticas e Culturas*. Rio de Janeiro: UERJ, INTERCON, 1998. pp. 119-134.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; CRUZ, Gisele dos Reis & MABERLA, Juliana Eleuze Carreira. *Proximidade territorial e distância social: reflexões sobre o efeito do lugar à partir de um enclave urbano – A Cruzada São Sebastião no Rio de Janeiro*. Artigo disponível http://www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br/download/texto_lcqr_cruzada.pdf.

SEFARTY-GARZON, Perla. *Chez soi – Les territoires de l'intimité*. Paris :Armand Coulin, 2003 : 169. 255p.

SIMÕES, Soraya Silveira. *Cruzada São Sebastião do Leblon: uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado defendida no PPGA/ICHF-UFF. Niterói: fevereiro 2008. 424p.

SLOB, Bart. *Do barraco para o apartamento – a “humanização” e a “urbanização” de uma favela situada em um bairro nobre do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2002, trabalho de conclusão de curso Museu Nacional, 173p.